Carmosa e seu vaqueiro: um caso famoso no sertão *

FRANCISCA ISABEL VIEIRA KELLER

INTRODUÇÃO

Os trabalhos de geógrafos e mais recentemente de antropólogos [1] sobre frentes de expansão no Brasil caracterizam a região de frente em termos das modificações ecológicas, das transformações nas atividades econômicas, na posse e uso da terra e nas relações de trabalho, detendo-se mais ora num, ora noutro desses aspectos. No entanto, duas ordens de críticas merecem comentários:

1) a frente é tomada como área compacta em transformação, mas nada é dito sobre as regiões vizinhas ou os trechos inseridos na área de frente e que por motivos vários, sobretudo ecológicos, não se prestam à atividade que caracteriza a frente de expansão e se conservam à margem dela. Os habitantes dessas áreas, entretanto, mantêm relações com os participantes da frente e é de se supor que se registrem alterações, senão ao nível de seu comportamento e atividades, ao menos e sobretudo ao nível de suas representações;

2) embora seja apontado em todos trabalhos que a grande maioria dos participantes das frentes de expansão contemporâneas no Brasil provêm de regiões de agricultura de *plantation* em transfor-

---

* O presente artigo resulta de pesquisa realizada no extremo oeste do Estado do Maranhão, em 1969 (janeiro-fevereiro e junho a novembro) e em 1970 (julho). A pesquisa foi realizada dentro do Projeto "Estudo Comparativo de Desenvolvimento Regional", dirigido pelos Profs. Roberto Cardoso de Oliveira e David-Maybury-Lewis, aos quais agradecemos pelo apoio recebido. À Ford Foundation que financiou a pesquisa através de bolsa que nos foi concedida, os nossos agradecimentos. Agradecemos, também, ao SEM — Serviço de Erradicação da Malária — os dados postos à nossa disposição e ao Prof. Roberto da Matta e a Helio Keller que leram o trabalho e forneceram sugestões.

1 V. KELLER, 1975.

mação, em particular do Nordeste, pouco foi dito até agora sobre os próprios agentes, cuja vida permeada pela mobilidade [2] é representada nos seus discursos apenas com marcos espaciais que substituem os cortes temporais a que estamos acostumados [3]. Essa mobilidade, como acentuamos em artigo anterior [4], é expressa por paradas em casas de parentes, compadre ou amigos, até a opção temporária ou definitiva, ao nível do discurso em um centro, povoado ou bairro. Mas, mesmo com essas mediações, a mobilidade especial abre alternativas novas aos agentes sociais, o que permite supor que, especialmente em situações de crises, os juízos emitidos permitem-nos apreciar algumas das novas alternativas concretamente introduzidas, a redefinição de soluções anteriormente válidas e juízos sobre desvios de comportamento.

Tentaremos abordar neste artigo alguns desses aspectos, através da apresentação e análise de incidente presenciado no povoado de Sumaúma, no município de Montes Altos, no Tocantins Maranhense, em 1969. Previamente, caracterizaremos o palco do incidente, o Município de Montes Altos e os principais atores, Antônio, o sertanejo e Carmosa, moça de fronteira [5].

I — O Município de Montes Altos

O município de Montes Altos, no Maranhão, abrange a maior parte da zona de pastos naturais, *o sertão*, do antigo Município de Imperatriz, no Tocantins Maranhense, do qual foi desmembrado em

---

2 Os migrantes nordestinos, no seu discurso, mencionam sempre uma localidade, no seu Estado de origem, a partir da qual desfilam toda uma série de centros (pequenos aglomerados de casas de lavradores com roça próxima, originariamente no interior da mata), povoados, vez por outra cidades que freqüentemente cobrem mais de um Estado. No Maranhão, os centros e povoados são aglomerados por regiões, critério mais abrangente (Itapicuru, Mearim, Pindaré, etc.).

3 Nunca é mencionado o ano em que partira no movimento inicial de migração, nem os anos dos deslocamentos subseqüentes. Em alguns casos, é possível que cheguem a precisar a duração de tempo das paradas, mas é o marco espacial e não o temporal o significativo, exceto em relação ao último local (o atual ao nível do discurso) em que o ano ou o tempo de estada é sempre precisado. O marco temporal aparece, apenas, como um corte entre o presente e o passado; em relação a este há apenas marcos espaciais.

4 V. KELLER, 1975, para maiores detalhes.

5 Na análise do material apresentado muito devemos a Turner (TURNER. Victor. *Schin and Continuity in an African Society*. Manchester University Press, 1964 e ———. *Dramas, Fields and Metaphors: Symbolic Action*

1955 pela Lei n.º 1.354[6]. Como zona de criatório foi ocupada desde os meados do século XIX por fazendeiros, oriundos diretamente de Pastos Bons, ou que se deslocaram de áreas previamente ocupadas a partir de Pastos Bons, conquistando *o sertão* do Médio Tocantins em expedições guerreiras contra os indígenas[7].

Na região do atual município de Montes Altos, situado entre os ribeirões da Posse e Lageado e as nascentes do rio Pindaré, cortado pelos rios Campo Alegre, Clementino, Arrais e por inúmeros riachos que correm para oeste em direção ao Tocantins e seus afluentes, foram se multiplicando as fazendas de criação. Obedeciam todas a um mesmo plano: sem divisas outras que as naturais, com gado curraleiro ou pé-duro[8], criado solto no regime de 4:1, ou seja, de cada 4 crias uma ficava para o vaqueiro por sorteio ou escolha processada anual ou bianualmente.

As famílias mais antigas da região são todas oriundas dessa área do *sertão* do município, a mais valorizada, enquanto as terras

---

in Human Society. Ithaca, Cornell University Press, 1974), embora não seguíssemos rigorosamente sua proposição para análise de "drama social'.

6 O Município de Imperatriz sofreu dois desmembramentos: em 1955, quando foi criado o município de Montes Altos com 3.329 km². A criação do município de Montes Altos, ao contrário da de João Lisboa, precede a construção da Belém-Brasília e independe da frente de expansão; foi resultado da ação política de Euclides Carneiro Neiva, do Mirador, que veio ter a Montes Altos e tornou-se chefe político regional. Pleiteou o desmembramento do município e foi eleito o primeiro prefeito, tomando posse a 14/7/1956, o prefeito de Imperatriz apelou e conseguiu a revogação da lei que criara o novo município. Pleiteada, novamente, pelos montaltenses a instalação do município, esta se verificou a 31/1/1959.

7 "Partindo das margens do S. Francisco. os criadores bahianos e pernambucanos penetraram no território que depois constituiu a capitania do Piauhi. Transpondo o rio Parnahiba, extasiaram-se com a beleza dos campos e abundância de nascentes de água. Pastos Bons foi então uma expressão geográphica, uma denominação regional geral, dada pelos ocupantes à imensa extensão de campos abertos para o Occidente em uma sucessão pasmosa em que ao bom succedia melhor. E, quando designações restrictas a parcellas territoriaes posteriormente tomadas aos autoctones, tendo nomes diversos, fracccionaram o todo da denominação geral, e no mappa da conquista appareceram Macapé, Lapa, Farinha e Bonusares, o nome Pastos-Bons ficou retricto à villa" (CARVALHO, Carlota de. *O Sertão*. Rio de Janeiro, Empresa Editora de Obras Scientíficas e Literárias. 1924. p. 18).

8 Gado pequeno, pouco desenvolvido, com grandes chifres, descendente do gado trazido pelos portugueses nos primórdios da colonização e que, internando-se pelo interior, adaptou-se aos pastos naturais, pobres.

de mata, ao Norte e Nordeste e que fazem parte dos atuais municípios de Imperatriz e João Lisboa, permaneciam intocadas, com alguns poucos lavradores com culturas de subsistência nas suas orlas. A própria cidade de Imperatriz, sede municipal, era apenas um entreposto comercial com 3 ruas ao longo do rio Tocantins e algumas centenas de habitantes, até 1950.

Quando a frente de expansão agrícola, que avançava no sentido oeste no Maranhão, atingiu a região no final da década de 50 e a ocupação das terras foi acelerada pela construção da rodovia Belém-Brasília, houve uma reavaliação das zonas ecológicas: *o sertão* ficou à margem da onde de povoamento e as terras devolutas de mata foram ocupadas, progressivamente, por lavradores nordestinos e criadores oriundos do sul da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo [9]. Os *sertões* com suas chapadas de terras arenosas recobertas de pastos naturais tão gabados, procurados e disputados aos indígenas no século anterior, mas impróprios para a lavoura e plantio de pastos artificiais, foram desprezados. A mata virgem, *terra da nação, terra de comum,* passou a ser disputada pelos migrantes nordestinos que nela abriam suas roças, plantando arroz e praticando uma agricultura de coivara, e pelos fazendeiros sulistas, que, após a derrubada da mata, iniciavam o plantio de pastos artificiais com capim colonião, jaraguá e braqueara.

Multiplicam-se, assim, os pequenos aglomerados de lavradores, os *centros* e *povoados* [10] e são abertas fazendas, originando-se, por

[9] A partir de 1959, fazendeiros baianos ao terem notícias da abertura da Belém-Brasília vieram ter à região de Imperatriz e logo vislumbraram as possibilidades oferecidas pelas férteis terras de mata amazônica ao norte da cidade de Imperatriz. Eram terras devolutas, sem as pragas que destruíam os pastos do SO da Bahia e nordeste de Minas Gerais. Vendendo as suas propriedades nos estados de origem poderiam, após o desmatamento, formar pastos artificiais em extensões muitas vezes maiores do que os que possuíam. Tinham, também, garantido o escoamento para o grande centro consumidor em expansão no norte: Belém do Pará. A partir de 1960, começaram a chegar os fazendeiros do sudoeste da Bahia, logo seguidos por mineiros e capixabas das regiões do rio Mucuri e Doce, introduzindo um gado novo, desconhecido na região: o zebu.

[10] No interior da mata, na mata ao longo da rodovia Belém-Brasília, ou nas matas do Tocantins, os lavradores nordestinos formam pequenos aglomerados, *"os centros"*, com roças próximas, cultivadas pelas próprias famílias. À medida que crescem e são cortados por estrada carroçável, possuindo um comércio estabelecido, passam a ser designados como *povoados*. Já então as roças estão situadas longe.
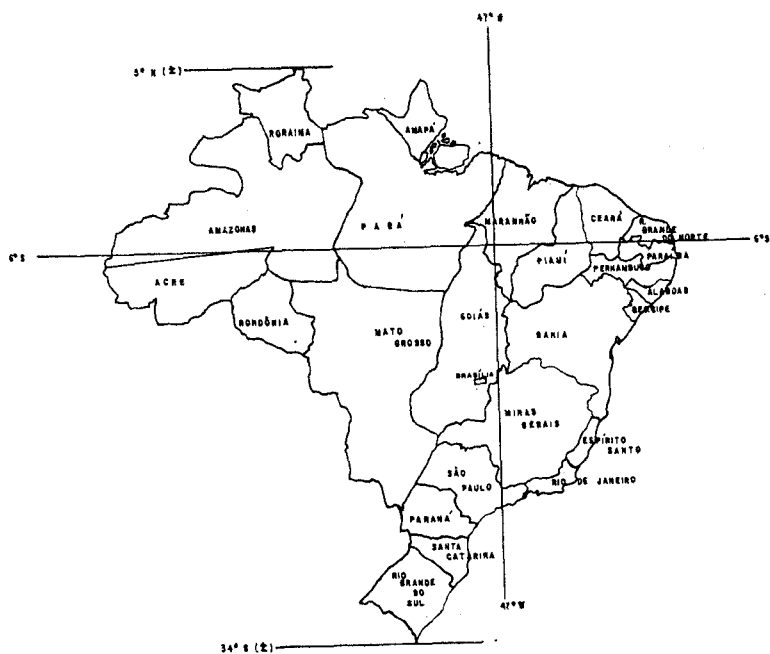
Fig 1 - Localização do Município de MONTES ALTOS
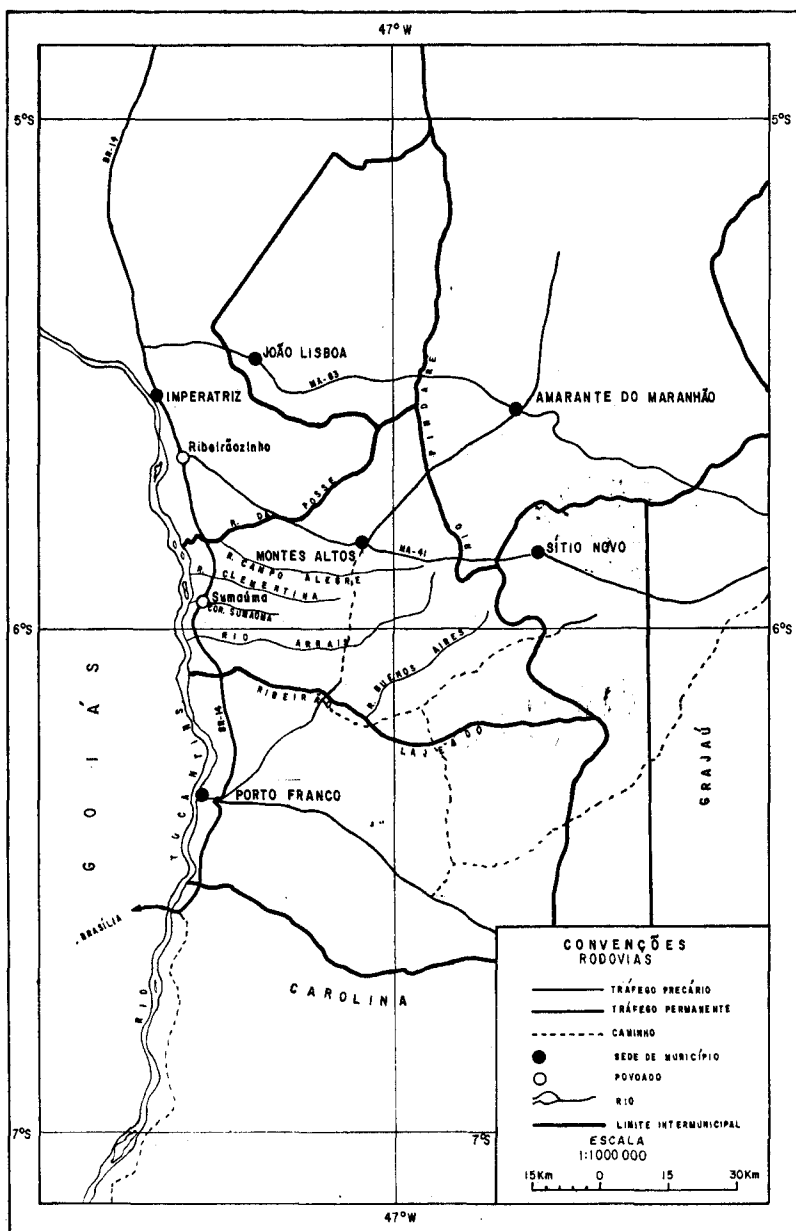
Fig 2 - O Município de MONTES ALTOS

vezes, conflitos violentos entre lavradores nordestinos e criadores do sudeste do país[11]. Imperatriz, pequeno aglomerado sede do município, transforma-se em centro regional.

No sertão, nas fazendas sem titulação legal outra que, porventura, inventários em cartório, o criatório continuou nos moldes tradicionais. Mas, desde logo, algumas mudanças se registram: o gado já tende a ser mestiço, "curraleiro mais raceado" e algumas fazendas ao longo da estrada que liga Montes Altos à Belém-Brasília e às margens desta, começam a ser cercadas.

No entanto, e sobretudo no interior do município, permanecia o antigo sistema de criatório com pagamento em espécie: 4:1, mas já com alguns casos de 5:1, quando se tratava de gado mestiçado, partilha feita anualmente. O gado nascido no mesmo ano leva mesma marca na orelha, levando nome segundo a marca: canzil, quantil, forquilha. Inovação é o *carimbo* na cara, geralmente um número, exemplo, 9 para 1969. Outro *carimbo*, o do dono, aparece no lado esquerdo do quarto; do lado direito vai o ferro do vaqueiro (se este cede o animal ao dono, nova marca é feita nesse quarto direito, por cima da primeira ou à direita, isto é, mais para a frente). Quando a fazenda é grande e dá para fazer lote do mesmo sexo e ano, o lote é chamado *"laço"*.

Um vaqueiro geralmente toma conta de 150 reses e às vezes tem um ajudante — solteiro sempre — chamado *"vaqueiro de varanda"*, pago como cria do vaqueiro, segundo acordo firmado entre os dois. O vaqueiro, quando há combinação com o patrão para "limpa do pátio e tratamento de beira de cerca", recebe ainda uma rês de cada 10 nascidas. Quando também há convênio, pode tirar o leite e mesmo vendê-lo.

Há, pois, um padrão básico que permeia todas as relações patrão--vaqueiro, mas há variantes, dependendo do tipo de fazenda, tipo de gado, convênio realizado. Como é dito "não há uma só sabedoria".

O Município de Montes Altos, no ano de 1969, contava com uma população de apenas 11.420 habitantes, distribuída por 3.329 km^2 [12], com 85 fazendas e 462 "sítios"[13], distantes entre si de meia a 1

---

11 Para maiores detalhes sobre o processo de ocupação das matas por nordestinos e fazendeiros sulistas, vide KELLE, 1975.

12 Fundação IBGE: Informações Básicas — Município de Imperatriz 1/7/1969. Dados fornecidos na Agência do IBGE de Imperatriz.

13 Dados obtidos no escritório do Serviço de Erradicação da Malária — IV Distrito do Maranhão. (O IV Distrito Técnico Administrativo do Maranhão, com sede na cidade de Imperatriz, abrangia os municípios

légua (3 a 6 km), 4 aldeias indígenas e apenas 3 povoados ao longo da Belém-Brasília: Sumaúma, Boa União e Lageado. A sede do município, Montes Altos, era uma pequena cidade de ruas arenosas, com 1.305 habitantes. De 1966 a 1969 tanto o município quanto a sua sede apresentaram um crescimento populacional mínimo, passando, respectivamente, de 11.323 para 11.420 habitantes (+ 97) e de 1.208 para 1.305 habitantes (+ 25). O Município contava com apenas uma escola de 1.º grau na sua sede e com nenhum posto de saúde. Missionário franciscano italiano possuía na sede uma farmácia com remédios ofertados por católicos italianos e, 4 irmãs, das quais 2 com estágio de enfermagem em São Paulo, auxiliavam nos primeiros cuidados e atendiam os doentes do município. Nesse ano de 1969 o missionário iniciou uma experiência no povoado de Sumaúma, onde passaram a se alterar as irmãs, atendendo a população da vizinhança.

A cidade de Montes Altos, sede do município, surgiu por volta de 1907 como decorrência da implantação da linha telegráfica que ligava Engenho Novo, atual Pindaré-Mirim, à cidade de Boa Vista, hoje Tocantinópolis. O local, onde havia um alambique para produção de aguardente cercado de algumas palhoças de prostitutas, era ponto de passagem na chapada e atraía os fazendeiros da vizinhança. Nele foi instalado um Posto Telefônico para verificação das linhas, logo depois transformado em Estação Telegráfica. O lugar, considerado "perdido", transformou-se, com a chegada de funcionários e suas famílias, com a vinda dos primeiros comerciantes e

---

de Imperatriz, João Lisboa, Montes Altos, Amarante do Maranhão, Porto Franco, Grajaú e Carolina). Os dados, mapas e croquis do SEM, embora possam ser objeto de críticas metodológicas, são no entanto os únicos documentos disponíveis para deslocamento e orientação no campo e mostram-se de grande validade. A designação sítio abrangia "toda área geográfica com denominação própria, que não fosse propriedade particular, com limites naturais ou artificiais e conhecida pela denominação sítio'. Ora, em muitos casos o critério mostrava-se impreciso, pois por vezes sítio indicava o que era localmente designado como fazenda; outras vezes correspondia a algumas habitações distantes entre si de 50 a 100 metros. Os *sítios* arrolados em Montes Altos, em 1969, eram em número de 462, dos quais 150 contavam com apenas 1 habitação, 107 com 2 habitações e 76 com 3 habitações. Apenas 15 sítios tinham mais de 10 habitações, podendo ser classificados, de imediato, como centros. Portanto, 55,6% dos denominados sítios tinha 1 ou 2 habitações e apenas 4,3% mais de 10. Estes últimos concentravam-se sobretudo em 2 áreas: a NO, próximo dos limites com o município de João Lisboa e a SE próximo dos limites de Sítio Novo. (Vide Mapa).

novos moradores, em povoado, elevado à categoria de vila em 1949 e cidade em 1956, com a instalação do município de Montes Altos.

Em 1969 a cidade de Montes Altos estava ligada à Imperatriz, o centro regional, por uma estrada carroçável, na verdade um simples caminho na chapada, atravessando riachos sem pontes e que, após 42 Km, atingia a Belém-Brasília, *a Central*. Desse ponto até Imperatriz havia ainda 30 Km de rodovia a percorrer. No verão, estação seca que se estende de junho a novembro, havia *jardineiras*[14], que saiam de Imperatriz com destino a Caxias e Terezina, passando por Montes Altos e ligando-a a Amarante a 60 Km adiante e a Grajaú. As duas principais linhas eram conhecidas como "Tetéu" e "Galinha"[15], saindo as jardineiras às 5 horas da manhã de Imperatriz. Com sorte, vencidos areiões, barreiras e atoleiros atingiam a cidade de Montes Altos por volta das 10 horas, o que vale dizer, percorriam 72 Km em 5 horas com uma pequena parada no povoado de Ribeirãozinho, município de Imperatriz, antes de deixar a rodovia Belém-Brasília, penetrando em um simples caminho, extremamente arenoso, cruzando a divisa do município 4 Km depois ao atravessar o Ribeirão da Posse. Esse caminho, que cortava a chapada, tornava-se intransitável na estação chuvosa — o inverno — quando os ribeirões cresciam e impediam a passagem de qualquer veículo. Fora esse transporte "regular", uma a duas vezes por semana o *jeep* do dono da única loja de comércio de Montes Altos fazia a ligação com Imperatriz, cobrando por pessoa Cr$ 6,00, enquanto o Tetéu cobrava Cr$ 5,70. A chegada das jardineiras era motivo de animação, quando entravam na cidade buzinando estridentemente, até pararem na única pensão local.

No interior do município, o único meio de locomoção era o cavalo para as grandes distâncias e os carros de boi, chegavam "can-

---

14 "Jardineira" era o nome dado aos veículos de transporte que circulavam na região e que se caracterizavam por um chassis de caminhão sobre o qual eram adaptadas várias filas de bancos com uma simples cobertura, abertos lateralmente, permitindo o acesso por ambos os lados. Não obedeciam a horário e viajavam em precárias condições, carregando malas, mantimentos, sacos e animais.

15 As "agências" estavam localizadas próximo ao Entroncamento, junção das principais avenidas da cidade com a Belém-Brasília. A agência do Galinha, nome do seu proprietário, tinha nas paredes caiadas desenhos coloridos de galinhas e pintos e seu dono ficava por ali procurando atrair os viajantes: "Venham meus pintinhos que o Galinha leva vocês para onde quiserem, proclamava. A outra agência era a do *"Tetéu"*. nome de um pássaro comum na região.

tando" à cidade. O padre franciscano com residência na sede possuía um *jeep* e percorria anualmente o interior do município, em desobriga [16] celebrando missas e realizando casamentos e batizados.

A frente de expansão, que penetrou os municípios de Imperatriz e João Lisboa, apenas atingiu o extremo nordeste do Município de Montes Altos, onde alguns pequeninos centros começavam a surgir em região de mata, e as matas situadas entre a rodovia Belém--Brasília e o rio Tocantins no sul do município, entre o córrego Sumaúma e o rio Lajeado. Nessa última região estavam localizados os 3 únicos povoados do município, às margens da rodovia, beneficiando-se das facilidades de imediata comercialização oferecida pela presença de caminhões que paravam para compra de arroz e mandioca [17]. Desses povoados o mais importante era o de Sumaúma.

Pode-se avaliar os resultados da penetração da frente de expansão nos Municípios de Imperatriz, Montes Altos e João Lisboa, comparando o crescimento populacional em 1960 e 1970.

Municípios	*Ano 1960*	*Ano 1970*	*Aumento Populacional*	*Crescimento (%)*
Imperatriz	29.031	83.630	54.599	188,0%
João Lisboa	10.300	27.252	16.952	165,0%
Montes Altos	8.731	11.950	3.219	36,9%

Fonte: Sinopse Preliminar do Censo Demográfico — VIII Recenseamento Geral, 1970 — IBGE.

16 *Desobriga* é o nome dado às visitas que os missionários fazem pelo interior de suas paróquias com o fim de permitir aos fiéis desobrigarem--se, isto é, permitir-lhes a recepção dos sacramentos. São Planejadas com grande antecipação, combinando-se o local das paradas, onde o missionário permanecerá um ou mais dias e onde haverá reza, missa, batizados, confissões e casamentos. Dependendo do tamanho da paróquia e das dificuldades de comunicação são realizadas uma ou mais vezes por ano. São também denominadas *missões volantes* para distingui-las das missões ambulantes que duram 15, 20 ou mais dias (Da Nembro, p. 62, nota 95).

17 Os compradores de Imperatriz vinham ter de caminhão ao povoado de Sumaúma, pagando Cr$ 10,00 a Cr$ 15,00 o saco de 60 kg de arroz, o maior preço alcançado na região durante a safra de 1969. A mandioca era comprada a Cr$ 10,00 o saco de 60 kg.

Outro índice que nos permite apreciar comparativamente o município do sertão e os de mata é o relativo aos dados sobre a renda bruta dos municípios no ano de 1969 e primeiro semestre de 1970.

Municípios	*Ano de 1969*	*1.º Semestre de 1970*
Imperatriz	Cr$ 2.836.619,25	Cr$ 1.342.942,31
João Lisboa	Cr$ 534.341,92	Cr$ 240.292,71
Montes Altos	Cr$ 34.272,74	Cr$ 10.678,01

Fonte: Coletoria Estadual dos Municípios de Imperatriz, João Lisboa e Montes Altos.

Entretanto, se a frente de expansão atingira o município de Montes Altos apenas em pequenos trechos, sua presença se fazia sentir no discurso dos montaltenses, que confrontavam-se com uma realidade nova e exterior: a vinda de milhares de migrantes em busca das terras de mata virgem que se valorizaram em detrimento do *sertão* conquistado aos indígenas e outrora cobiçado. No mundo social também houve uma inversão: no passado o sertão foi palco de lutas e conflitos, opondo criadores e indígenas e dali saíam os chefes políticos em luta com seus grupos de patronagem; no presente o conflito se deslocou para a zona de mata e as lideranças e lutas políticas são coisas do passado. O *sertão* assume características de equilíbrio, de transmissão de valores ajustados, de harmonia. O *termo* sadio é recorrente no discurso do sertanejo e dos antigos habitantes de Imperatriz.

"O sertão é sadio, é bom para criar menino"

"Montes Altos é pequeno, mas é sadio".

1.º *Cenário*:

1 — O Sertão de Buenos Aires

No extremo sudeste do município de Montes Altos, nos limites com o município de Sítio Novo, nascem os rios Florzinha e Buenos Aires, afluentes do Rio Lageado. Zona típica de sertão, a *região* do Buenos Aires é em sua maior parte chapada ou tabuleiro alto, are-

noso, pouco acidentado, cortado por inúmeros riachos. Nas partes mais baixas, os barreiros, a argila aflora. Os pastos naturais, entremeados de árvores espaçadas (angico, arueira, ipê, jatobá, piqui, pau d'arco, escorrega-macaco etc.), dominam a paisagem.

A região do Buenos Aires, designada nos relatos mais antigos como Bonusares, foi a última porção dos Pastos Bons tomada aos indígenas, que nela haviam se refugiado, oferecendo resistência durante cerca de 37 anos. Só após 1850, essa região então denominada "fronteira" foi conquistada, quando morreu o chefe dos indígenas confederados designado pelos colonizadores de "o Governador" [18].

Em agosto de 1969, o missionário franciscano de Montes Altos foi pela primeira vez em desobriga à região do Buenos Aires, viagem anunciada e preparada com meses de antecedência, com parada nas Fazendas S. Joaquim, Genipapo, Passagem Boa e Timorante, demorando-se, ao todo, 7 dias.

Convidada, participei da desobriga. Saímos de Montes Altos cerca de 6 horas da manhã, o missionário, duas das irmãs cearenses suas auxiliares, um rapaz motorista, Carmosa, nora da dona da primeira fazenda, e mais uma senhora e sua filha que ficariam no alto da chapada no caminho para Sítio Novo. Era a primeira vez que um veículo motorizado ia ter à região e tinha sido combinado que deixariam o trajeto assinalado, desde que inexistiam estradas na região. Até o alto da chapada, cerca de 25 km de Montes Altos, o percurso em estrada carroçável que ligava Montes Altos a Sítio Novo foi relativamente fácil. Mas, a partir dali o *jeep* do missionário enveredou pelo pasto cortado por pequenas veredas e, para se orientar na direção certa, havia de tempos em tempos ora um galho de árvore quebrado apontado para onde se deveria avançar, ora um capim partido no sentido em que se deveria prosseguir. Os areais e os lameiros obrigaram a inúmeras paradas para desatolar o *jeep* e os córregos sem pontes, que deviam ser cruzados, ocasionaram outros tantos problemas. Assim, nessa etapa do percurso, com cerca de 45 km, foram gastos cerca de 8 horas até atingirmos a fazenda da velha Odila, no Morro do Sal. A chegada do veículo motorizado causou espanto ali e nas outras fazendas, sobretudo entre mulheres e crianças, que fugiam ao som da buzina e que se agachavam em busca do "sexo do bicho", para saber se era macho ou fêmea!

---

18 CARVALHO, Carlota de. *Opus cit.*, p. 45-46.

A casa da fazenda, rebocada de barro vermelho, era espaçosa e obedecia a um mesmo plano que as demais visitadas: 2 quartos, um para o casal e outro para as crianças e moças da casa [19], uma sala com mesa e bancos de madeira, malas de couro e uma varanda. Os rapazes da casa dormiam na varanda ou em alpendre externo onde ficavam os arreios. A cozinha não fazia parte do corpo da casa, mas era um alpendre anexo e constituía-se em ponto de reunião das mulheres ao pé do fogão de barro, cercado de gamelas de madeira e cabaças para água, suspensas à parede. Em certas ocasiões cozinhava-se ao ar livre com pedras previamente aquecidas. Na fazenda S. Joaquim havia ainda um telheiro onde eram penduradas as selas e arreios e também a carne, quando se abatia um animal; era aí o ponto de reunião dos homens. Em algumas fazendas — era o caso da Fazenda S. Joaquim — havia um engenho de madeira e, em todas, cupins escavados serviam de forno para cozinhar "bolos" feitos de tapioca, ovos, leite e banha, amassados em gamelas. As casas do *sertão* sempre ficam perto de um córrego donde é trazida a água para as lides domésticas, onde se lava a roupa e onde se localiza o "banho das mulheres" e o "banho dos homens".

No dia seguinte de manhã, seria realizada a missa, seguida de casamentos e batizados. Familiares dos donos da casa já haviam chegado e, desde a madrugada seguinte, começaram a chegar as famílias vindas de até 20 léguas de distância, os homens à cavalo na frente, as mulheres e filhos em outras montarias. Os homens, ao apearem, penduravam as armas e munições, desatrelavam os animais e dirigiam-se para o telheiro ou ficavam conversando por perto da casa. As mulheres, depois de colocarem as redes e pertences no quarto das moças, reuniam-se na cozinha para os preparativos conjuntos: cozinhar arroz, galinha, carne e fazer bolos. Na fazenda S. Joaquim foi carneada uma vaca; a matança e todo trato com a carne era tarefa exclusivamente masculina, cabendo às mulheres apenas cozinhar a carne. Meninas e moças passeavam em grupos e iam banhar-se no córrego.

A missa, seguida de casamentos e batizados, era o ponto culminante da festa da desobriga. Logo após era servido o almoço e o dia festivo continuava com muita conversa sobre gado, família, curadores. À tarde as famílias em visita começavam a se ir.

---

19 Quando em visita, as mulheres, moças e crianças pequenas são alojadas nesse quarto.

Nas outras fazendas visitadas repetia-se o mesmo plano da casa, com os mesmos objetos de couro e madeira, a ausência de objetos manufaturados à exceção de panelas de ferro, facões, lampiões, canecos de alumínio e do tecido de algodão dos vestidos. Próximo às casas, em geral perto do córrego, havia sempre uma cultura de subsistência: mandioca, milho, cana, jerimum; galinhas eram criadas soltas e em uma ou outra fazenda havia também carneiros. Gastos conspícuos inexistiam, onde apenas o maior cuidado e tamanho relativo das construções, a presença de um engenho e sobretudo o número das reses falavam da importância da família, avaliada ainda pelo tempo de instalação no local. Mulheres e crianças na sua quase totalidade não conheciam nem a sede do município, onde apenas iam os homens e rapazes ocasionalmente para compras [20]. Não havia escola alguma no interior do município e na região do Buenos Aires existiam apenas "curadores".

Alguns aspectos recorrentes no discurso sertanejo merecem ser ressaltados:

1) Constante era a menção à inexistência de desigualdes no *sertão,* onde não haveria "grandes" e todos eram "pequenos". Por outro lado, sempre eram apontados os nomes de dois fazendeiros — Macambira e Bandeira — cujas fazendas distinguiam-se pelo número de reses.

> No sertão ninguém é rico mesmo, tudo pequeno. Grande mesmo só o Macambira e o Moisés Bandeira.

Como, então, conciliar essas afirmações aparentemente contraditórias? O que se notava no discurso era a ênfase no aspecto igualitário, as diferenças visualizadas apenas em termos de prestígio conferido por uma maior quantidade de bens a que todos tinham igualmente acesso. O ser "grande" não se traduzia por uma qualidade de vida diferente, por formas de gastos conspícuos ou acesso a bens diferentes. Assim, o aspecto igualitário restava sobre critérios qualitativos, ao passo que as diferenças traduziam-se em fatores favoráveis (melhores terras, melhor acesso a grandes ribeirões, melhor localização da fazenda) e fatores quantitativos (maior número de filhos, maior parentela, maior tempo de estabelecimento na região, maior intimidade e familiaridade com os políticos municipais, maior rebanho) que não alterariam o caráter igualitário. Este

---

20 Os principais artigos de compra são o sal, os tecidos de algodão para roupas e o querosene para os lampiões.

fundamentava-se no fato de todos serem proprietários de suas fazendas, dedicarem-se ao criatório, terem na família a unidade de produção e consumo, partilharem de um código definido no qual as formas de acumulação monetária estavam ausentes. O próprio vaqueiro, pago em espécie, eventualmente transformar-se-ia em fazendeiro. Como unidade, a família sertaneja era igual a todas as família do sertão [21].

2) Também era freqüente a insistência em mencionar que no sertão não existiam "chefes políticos", nem comerciantes.

> Aqui não tem chefe político: só Montes Altos. Só na época de eleição vem político... Nem comerciante tem aqui, só juiz de casamento.
>
> Tem não (chefe político) e bem que esses sertões carecia. A gente fica largada por aí... Chefe mesmo só no Sítio Novo, Montes Altos.

Novamente se nota uma ênfase na ausência de hierarquização quer do ponto de vista político ou econômico. As formas de patronagem, com seus aspectos de mediação, estariam localizadas nas cidades, sedes municipais onde se encontravam os chefes políticos, até recentemente oriundos de famílias do *sertão*, mas com sua clientela localizada na cidade. No *sertão* não existem agentes governamentais: não há polícia, coletores, cartórios. É a justiça familiar que ordena as relações, e casamentos são celebrados de acordo com o consenso das famílias, nas quais os critérios de sexo, idade, parentesco e vizinhança são operantes.

3) Em conversa com mulheres, mais de uma vez foi mencionada a falta de interesse pelo estudo, pois "para tomar conta de gado não tem valência saber ler". No código sertanejo o saber ler não conferia vantagem alguma, desde que desnecessário para as lides do gado.

---

21 A família sertaneja se apresenta como caso extremo de família camponesa: e caberia uma análise mais aprofundada da sua constituição e reprodução. Ao que nos foi dado à observação, as famílias, como regra, celebravam uniões apenas com outras famílias sertanejas e o número de filhos oscilaria entre 3 e 4. Os casamentos eram ratificados por consenso dos chefes de família e oportunamente quando o padre viesse em desobriga sacramentava-os ao mesmo tempo que batizava o filho já nascido. Não temos elementos para afirmar, mas parece-nos bastante provável que as filhas mulheres não têm direito a herança sobre as terras do pai. As formas consuetudinárias de herança constituiriam, sem dúvida, um campo fascinante de estudo.

Por outro lado, havia também alguns temas que apareciam por vezes, embora sem a constância dos anteriormente mencionados, levantando comentários desgostosos:

a) assunto que volta e meia aflorava era o de doenças, suas curas e a morte por assassinato. Entre mulheres era freqüente a menção ao medo de morrer de parto;

b) no discurso de alguns chefes de família aparecia a queixa sobre a "vida só de trabalho" e sobre "a inexistência de escola pros meninos". Esses comentários ocasionais sobre a falta de escolaridade partiam apenas de alguns homens e pode-se supor que estes eram os que maior contato tivessem com a sede do município e mesmo com Imperatriz.

2.º *Cenário*:

2 — O Povoado de Sumaúma

Sumaúma, próximo ao igarapé de mesmo nome[22], contava no início do ano de 1970 com cerca de 530 habitantes[23], quando a sede do município tinha pouco mais que o dobro: 1.224 habitantes, e era o povoado mais importante do município. Compreendia uma grande "rua" ao longo da Belém-Brasília, com 3 "Hotéis" de pau-a-pique, sempre movimentados com os motoristas de caminhões. que paravam para descanso, refeições e procura de companhia feminina. Linha regular de ônibus, ligando Imperatriz a Carolina, passando por Porto Franco, cruzava o povoado, bem como numerosos *jeeps* e caminhões. Sumaúma contava também com um mercado, onde era realizada a feira semanal aos domingos, com venda de carne de gado abatido na véspera, produtos agrícolas e bolos, além de artigos manufaturados trazidos de fora. Havia no povoado uma padaria, vários pequenos comerciantes e desde o início de 1970, uma igreja, ambulatório e escola mantidos pelo missionário franciscano sediado em Montes Altos.

---

22 Samaúma é nome encontrado em outras localidades da região e deriva do nome de uma árvore enorme, de tronco largo, madeira branca e leve, flores alvas e frutos, cujas cápsulas são cheias de paina.

23 O cálculo da população foi feito de acordo com os critérios aproximativos do Serviço de Erradicação de Malária, que, partindo do número de habitantes multiplica-o por 5, número médio estimado de pessoas por habitação.

A região, antes da Belém-Brasília cortá-la, era mataria com caça abundante, sem nenhum morador. Em 1950, Zé Soares, sertanejo do Grajaú, passando por ali, "descobriu a região e se agradou, tirando uma veireda". Anos mais tarde, em 1958, foi descoberto diamante no córrego de Samaúma e surgiu um arruamento de garimpeiros que, com o tempo, se deslocaram para outros garimpos mais promissores. O povoado mesmo só se iniciou em 1959 quando Zé Soares, sabendo que "a estrada estava chegando" (a Belém-Brasília) veio para o local e "tirou casa e roça". Logo mais, três novos moradores, todos nascidos no sertão, vieram se juntar a ele. Além deles, "de gente, só havia os de passagem, que vinham caçar (vindos de Barra Grande)". Só a partir de 1966 é que começaram a chegar mais moradores e, desde então, o povoado não parou de crescer.

Embora se encontre em centros e povoados de Imperatriz e João Lisboa um ou outro habitante do sertão, conhecido freqüentemente pelo adjetivo sertanejo, logo após o nome (por exemplo, Domingos Sertanejo), o povoado de Samaúma se distingue justamente por ter sido situado por sertanejos. Esse fato se reflete no tipo de casas do povoado e no discurso de seus habitantes, oriundos do sertão.

1) Várias residências no povoado chamam a atenção pela cerca externa de paus trançados, flores frente à casa, teto de piaçaba [24] e não de palha inajá, paredes de pau-a-pique rebocadas. Internamente, apresentam 1 ou 2 quartos-dormitórios e uma sala grande com selas penduradas, gamelas e malas de couro. Já as casas dos lavradores migrantes nordestinos têm paredes de palha ou de pau-a-pique, possuem internamente uma sala, um quarto e um paiol-depósito para grãos e que, eventualmente, pode ser usado como dormitório; a cozinha fica nos fundos e é parte da própria casa. No lugar de objetos de couro e gamelas encontram-se banquetas de madeira e objetos manufaturados.

2) No discurso dos moradores sertanejos do povoado aparece sempre a queixa contra os migrantes nordestinos, "os paraibanos", que atiram na criação e que transformaram o povoado. Por vezes manifestam o desejo de mudar para outro local.

> Aqui agora todo mundo é tu, ninguém é você. Lugar sem rumo...

---

24 A palha da palmeira piaçaba é empregada na cobertura das casas do sertão e é mais duradoura que a da primeira inajá, muito abundante nessa região maranhense.

> Quero mudar, mas para cidade, onde tem sociedade: Tocantinópolis ou Carolina, não Imperatriz, onde tudo misturado, não se sabe quem é casado, quem é solteiro, quem é moça...

Se está presente esse desgosto, ocasionado pela presença dos lavradores paraibanos, não falam nunca em retornar para o sertão, nem o idealizam. Pelo contrário, apontam com orgulho suas realizações (casa, terrenos, lavoura, possibilidade de comercialização) contrapondo sua vida atual à do sertão onde tudo era difícil, sem comércio e onde eles eram "homens sem arte e analfabetos" [25].

II — Os Principais Atores: Antônio e Carmosa

1 — *Antônio, o Vaqueiro*

Antônio era o filho mais velho da velha Odila. Típico vaqueiro sertanejo, alto, pouca fala, forte, exímio cavaleiro, excelente no trato com o gado, quando saía encourado para suas lides: perneira, guarda-peito, jibão, casaco, chapéu, luvas e chinelas de couro de veado mateiro, "terno" que só homem faz, mulher não trabalhando nunca nessa confecção. Antônio viajava freqüentemente, comerciando com gado, para Bacabal, Pedreiras, Marabá e mesmo para Mato Grosso [26].

Analfabeto, bom vaqueiro e comerciante de gado, mantinha distanciamento com mulheres, só se relacionando com nítido sentimento de superioridade. Seu mundo estava ordenado nitidamente, de forma distinta, para homens e mulheres desde a infância. A casa era o domínio das mulheres que dela só saíam para outra casa; na cozinha, no pátio e no córrego passavam os dias, para mais longe só iam em visita com pai ou marido. Delas era o trato das plantas, aves e meninos.

O mundo dos homens estava ordenado para as lides do gado, a caça, o movimento para fora, os largos trajetos para o negócio

---

25 Comparem-se os motivos apresentados com as queixas na mesma linha, por vezes, presentes no discurso de chefes de famílias sertanejas, anteriormente mencionadas.

26 Antonio não apenas lidava com o gado da família, mas também comerciava com gado nos centros de comércio de gado do Maranhão (Bacabal e Pedreiras no Mearim, Imperatriz no Tocantins), do Pará (Marabá e Belém) e mesmo ia mais longe, até a ilha de Bananal em Mato Grosso.

com o gado, o trato do dinheiro, a valentia. Antônio conhecia todos os acidentes naturais, as plantas e os rios do sertão, bem como as regras do mundo social desde pequeno. Persistente, punha todo empenho em conseguir o que desejava. Assim fora quando conhecera a menina Carmosina em Bacabal, onde fora negociar gado.

2 — *Carmosa, Moça de Fronteira*

Carmosina nasceu em Bacabal, filha de lavradores, e cresceu em povoado, numa época em que a frente de expansão havia atingido a região (década de 50). Com seus irmãos, Riba e Cordeiro, e a irmã Cícera criara-se em um mundo de intensas relações sociais, em que vizinhos e compadres se viam e se auxiliavam continuamente e onde os deslocamentos eram uma constante. Sua mãe, sua avó (mãe do pai; a "mãezinha", mãe da mãe ela não conhecera), suas tias não só tinham importante papel dentro da casa e junto aos filhos, mas também auxiliavam ocasionalmente na lavoura e, sobretudo, contribuíam para os gastos da casa, lidando e cocomerciando com a criação — aves e porcos — vendendo bolos no mercado ou feira. Havia uma divisão no mundo masculino e feminino, mas não uma oposição de termos, pois o trato comercial não se reservava apenas aos homens, mas nele as mulheres tinham papel importante e embora o cultivo comercial do arroz, em suas diversas fases, coubesse aos homens, na colheita as mulheres colaboravam. E a posse de instrução escolar era vista como importante para obter melhores oportunidades.

Carmosa tinha 12 anos quando o sertanejo Antônio a viu — morena clara, risonha, muito séria — e dispôs-se a conquistá-la. Moça de povoado, com família grande, pai, irmãos e primos, só havia um meio: o casamento.

Carmosina menina, deslumbrada com aquele sertanejo muito mais velho do que ela, tão diferente dos lavradores que conhecia, passava os dias a esperá-lo. Insistiu em casar, apesar da relutância da família que não sabia nada sobre ele, nem sobre a família dele, nem sobre os *sertões* para onde ele ia levá-la. Seus pais preferiam um rapaz novo, da lavoura como eles, mas não houve jeito e, com 15 anos, ela se foi casada com aquele conhecido de Montes Altos para o *sertão* que ele dizia ser tão bonito, amplo e diferente dos povoados.

1 — *Desobriga no Morro do Sal*

Por ocasião da desobriga na região do Buenos Aires, Carmosa já residia no povoado de Sumaúma, depois de 9 anos de sertão. Mudara-se para perto dos pais, que tinham vindo de Bacabal, já sem os atrativos da era de 50, quando a frente de expansão ali chegara; já não havia mais terras de mata disponíveis, próximas aos povoados e centros, a privatização dos terrenos se fizera aceleradamente e os litígios eram constantes. Falava-se muito era da região do Tocantins com suas terras "de comum"; nos municípios de Imperatriz, João Lisboa e mesmo em Montes Altos, para onde a filha fora, haviam surgido alguns povoados junto à Belém-Brasília. Havia terras de mata, souberam, e o povoado de Samaúma era bom e estava crescendo com muita facilidade de comunicação. Vieram de Bacabal e espantaram-se com o estado da filha já com três meninos e acabada. Ela mudou-se para Sumaúma também, onde Antônio arrumou casa, próxima a de seus pais. Com pouco tempo de mudança, a sogra mandou chamá-la, pois o padre iria em desobriga à sua fazenda. Carmosa deixou os filhos com sua mãe e foi para Montes Altos, para de lá, de *jeep*, ir com o missionário para a casa da sogra.

Falante, muito arrumadinha, penteada, corte de cabelo curto, vestido ajustado e sem mangas, mocassins, embora participasse de todas as atividades das mulheres, via-se que não se trajava, não se penteava, nem tinha o falar das mulheres sertanejas.

Antônio apareceu por seu lado, a cavalo, e não se dirigiu a ela. Vieram também para a desobriga, acompanhando o padre até a última parada, o irmão mais velho de Carmosa, extremamente falante, e o irmão "dentista" [27] e solteiro de Antônio.

2 — *Carmosa em Juízo*

Dois meses após a desobriga estive em Sumaúma, parando na casa recém-instalada pelas irmãs. Logo ao descer do ônibus encon-

---

[27] Os "dentistas", como o irmão de Antônio, muito prestigiados na região, nada mais são na realidade do que práticos, ora sediados numa localidade, ora ambulantes, que percorrem o interior arrancando dentes e colocando incrustações de ouro, "pintas", muito admiradas, nos incisivos. No município de Montes Altos, como mencionamos, não havia nenhum médico, nem dentista habilitado.

trei Carmosa: muito magra, o cabelo comprido e em desalinho, com uma expressão geral de desânimo. Convidou-me para sua casa; como me excusasse, levou-me para a casa de sua mãe. Perguntei-lhe o que tinha; respondeu-me: "Preocupações, desgostos..." Na casa de sua mãe, já na cozinha, tomando café com bolos, voltei a falar que estava muito magra e abatida e foi o suficiente para que desabafasse. Estavam presentes sua mãe, a avó e uma tia, irmã da mãe.

> — Antônio quer que eu vá para o sertão, mas não vou não. Escuta Francisca, ir me enterrar lá naquele sertão, você conheceu, mas era dia de festa, depois não fica ninguém. E lá, a casa da minha sogra até que é chapadão, é bom. Para onde ele me quer levar não tem ninguém duas léguas de distância e barreiro no inverno é só uma lama... E me deixa lá sozinha com os meninos. Não vou não. Não vou morrer por quem não morre por mim.

Sua mãe, aí interviu:

> — Vai sim. Não vai ser minha filha que vai largar marido e ficar aí de *sendeira*. Agora não tem mais jeito...[28]
> — Tem jeito sim, porque não ir já é jeito...

E, já chorando, apelava para mim:

> — Este ano, até agora, o Antônio não ficou em casa nem 8 dias, ao todo 5 dias. Agora quer que eu vá para o sertão e ele só fica para fora. Pois não vou; não vou acabar a minha juventude, não vou morrer por quem não liga para mim...

E Carmosa continuou dizendo que já havia morado no sertão, que sabia como era, só sofrimento, sozinha, sem nenhum vizinho para apelar, de noite só com as crianças.

> — E não é só por mim, Francisca, é pelos meus filhos. Não quero que cresçam sem estudo, sem conhecimento. Você viu aquela moça, tão loira, tão bonita, não sabe nada, nunca estudou. O povo dela não vê serventia no estudo. Você viu...

A mãe de Carmosa:

> — Você casou com sertanejo, você sabia, Quis casar, teimou. Agora acompanha o marido. Se não tivesse filhos, ainda

---

28 *Sendeira* é termo muito usado no Maranhão, com sentido depreciativo e refere-se à mulher que larga o marido. O termo parece ter sido usado, originalmente, para designar animal que costuma se desgarrar e andar por atalhos.

podia se deixar, vinha para a casa dos pais, seu pai ainda é novo e depois podia achar até um homem bom... Mas, com essa carguinha dele... Vai. Vai.

— Não vou, mãe. Eu sempre fui filha obediente, mas agora me perdoe, não vou. Não vou morrer por quem não morre por mim. Meus filhos não vão ficar ignorantes; a gente é pobre, mas quero que os filhos estudem. Depois é só ter mais filhos, mais difícil. Nem sei como em 9 anos de casados, só tenho três. Deus me ajudou. Se fosse como a comadre Terezinha...

E a mãe de Carmosa:

— Não tem mais jeito. Você vai, depois de ele largar você, nós vamos buscar e te abrigamos. Vai. Minha filha não vai largar marido. Não há nome mais feio sobre a face da terra que sendeira...

— Para tudo tem jeito, mãe. E penso nos meus filhos...

— A responsabilidade dos filhos é do pai. Se não estudarem é culpa dele.

— Mas eles são também meus filhos e eu também tenho que ver com eles, não é só ter eles. Essa noite nem dormi, esperei deitar para falar com o Antônio com jeito. Mas ele não quis escutar. Ele é muito bruto. Foi dizendo que está tudo errado, que não deu certo desde o começo, que o melhor é se largar mesmo. Eu agüento tudo de meu marido, briga, apanha. mas isso não. Agora não vou.

A avó de Carmosa então interviu:

— Ele é muito grosseiro, muito ignorante. Mas ela não pode acabar a juventude dela, que já gastou, olhe aí, desse jeito...

A discussão continuou, a mãe de Carmosa teimando na sua argumentação, mas Carmosa cortou dizendo que eu queria ir-me e pedindo à mãe que mandasse uma menina acompanhar-me [29]. A sua própria mãe pegou minha maleta e saiu comigo. No caminho foi conversando.

— Minha filha, coitada, está sofrendo muito. Tenho pena, mas tenho que insistir para ir. Não há nome mais feio sobre a face da terra que sendeira. Vai e depois vamos buscá-la, quando ele abandonar. Não posso dar razão... E ela diz que não vai, mas acaba indo. Eu sei...

---

29 Sempre que uma moça — jovem solteira e presumidamente virgem — vai em visita a alguma parte, é usual que se faça acompanhar ou que se lhe ofereça por companhia uma menina.

— O marido é muito grosseiro, muito bruto e gosta é de prostituir as filhas alheias. Até a sobrinha, filha do irmão, a Irene, ele prostituiu. Depois deu um cavalo e 100 contos para um homem casar com ela. Agora vivia procurando um homem para morar nas terras dele; encontrou um velho com uma filha de 12 anos. Prostituiu a moça. Já deu 130 contos mais um cavalo bonito, amarelo. A Carmosa vivia perguntando por esse cavalo... E foi a Belém e trouxe mais 150 contos...

Minha filha sofre muito. Precisa ver quando fomos buscá-la; estava de dar pena, magra, doente. Nós cuidamos dela, mandamos pôr os dentes. Melhorou. Mas casou com 15 anos. Ele conheceu ela quando tinha 12, vinha visitar, procurar. Ela estava estudando. Nós nem conhecíamos a família, quem era esse sertanejo. Veio até em noite de chuva... O jeito foi deixar casar, ela gostando dele. Agora tem que agüentar... E sabe que ela fala que não vai, mas vai acabando ir...

Ele só viaja; é Belém, Mato Grosso, Marabá, Pedreiras...

No dia seguinte, fui até a casa de Carmosa e, lá chegando, encontrei só a avó e a tia, irmã da mãe. Carmosa havia ido para Imperatriz "para onde o marido foi, para conseguir máquina de costura, que ele prometera já há muito".

Enquanto a tia foi fazer café perguntei para a avó se ela era contra a Carmosa ir para o sertão. Respondeu-me:

— Lá ela fica muito sozinha, lugar que não tem ninguém, nem para dormir. Fosse eu, garrava correr até o primeiro morador. Mas ela vai. Porque gosta demais do marido... Não tem mais jeito; mas se ela quer apartar. já é o jeito...

Homem faz as coisas, mas não gosta que mulher fale. É mesma coisa que mexer em casa de maribondo... Mas tem que falando. Com braveza não alcança, mas com mansidão talvez consiga que o Antônio deixe ela aqui... Mas, o marido é muito bruto, mas ela quer bem a ele e muito. Acredito que talvez vai. Se ele aparta mesmo, então volta.

Nisso chegou a tia com o café. As crianças de Carmosa brincavam por ali. Antes de ir-me a tia comentou ainda:

— Comadre Carmosinha tá acabando a mocidade dela sozinha. O Antônio é só Belém, Tocantinópolis, Imperatriz, Mato Grosso...

Na apreciação da crise de Carmosa alguns fatos têm relevância:

1) Todas as mulheres apontaram como fator negativo que Antônio *"era bruto"*, o que justificava as queixas de Carmosa e o desejo dela não querer acompanhá-lo. Resta apurar o que implicava essa brutalidade:

a) Carmosa não a especificou;

b) sua mãe acrescentou que ele gostava "de prostituir as filhas alheias", citando casos e indicando como foram resolvidos com compensação pelo dano feito;

c) a avó falou em grosseria e ignorância;

d) a tia mencionou que "homem faz as coisas, mas não gosta que mulher fale..."

A brutalidade estaria ligada à grosseria de Antônio e ao seu pendor por meninas, "prostituindo-as", não admitindo discutir o fato. Ora, de acordo com o comportamento sertanejo, ele compensara em dinheiro e com animal (cavalo) o dano, encerrando-se com isso o caso. Mas, para Carmosa, moça de povoado, tal comportamento pedia justificativa, tanto mais que reincidente, e o caso não dizia respeito apenas a Antônio, mas a ela, também, como esposa. Criada em um mundo de intenso relacionamento, um incidente de tal ordem não se circunscreveria ao âmbito das partes diretamente envolvidas, mas suscitaria intensos comentários por parte de parentes, vizinhos e compadres; o fato duma compensação encerrar o caso e cortar caminho para qualquer comentário direto era-lhe incompreensível. Além disso, Antônio não dava conhecimento do destino dos bens, nem atendia os pedidos de sua esposa (máquina de costura), nem arcava com tarefas que cabiam a um esposo de povoado (por exemplo, cobrir a casa).

Em um centro de Imperatriz encontrei caso semelhante; seu fundador tinha atenção especial por meninas, o que se comentava abertamente. Levava-as para casa, tomando-as como "mulher" com consentimento da família, tendo filhos para depois "enjoar" e substituir por outra menina [30]. A união por consenso, referendada pela família, era uma das formas de união possível, embora não prezada como o casamento no padre (casamento religioso), o casamento no juiz (casamento civil) e o casamento por contrato (nos termos de contrato comercial entre homem e mulher com escritura firmada em cartório, especificando a quantia com que os "sócios" entravam

30 Mesmo assim, mencionava-se que ele havia "prostituído" as meninas, uma vez que as havia deflorado antes de formalizada a união. A virgindade é localmente valorizada e cabe ao pai e irmãos zelar pelas filhas e irmãs, tomando satisfação quando violadas, exigindo, sob ameaça de vida, o casamento, matando o infrator ou aceitando indenização.

e os serviços, no caso de menor, com anuência do pai e autorização do juiz)[31].

Em centro ou povoado também, quando acontecia de um homem se engraçar por outra mulher, sua companheira, desde que tivesse conhecimento do fato, devia tomar satisfação, terminando abandonada ou abandonando-o, o que a transformava em *sendeira*.

2) Carmosa e sua tia mencionaram com insistência o *"isolamento"* em que ela vivia no sertão, "sempre sozinha", "sem vizinho para apelar".

Novamente a vida de povoado, com intenso relacionamento e movimentação nas casas, se opõe ao isolamento do sertão. Na casa de Carmosa em Sumaúma, onde havia um bom poço e banheiro cercado de palha[32], era contínuo o movimento de vizinhos e amigos que vinham buscar água e banhar-se. Moça de povoado, Carmosa fora para o sertão, mas ao retornar ao convívio dos parentes, no povoado de Sumaúma, sentia intensamente a diferença, tanto mais que ao relativo isolamento sertanejo somava-se a ausência contínua do marido "sempre para fora".

3) Carmosa acrescentava na sua argumentação que não desejava retornar ao sertão, porque desejava dar *estudo para os filhos*, coisa sem serventia no sertão. Ela queria que os filhos fossem criados não como sertanejos, mas com estudo, o que sabia que nada significava para Antônio e sua família, a responsabilidade da instrução cabia a ela, e ela mesma fora das primeiras alunas a entrar para a escola noturna que o padre abrira no povoado.

4) A mãe de Carmosa insistia que ela tinha que acompanhar o marido; quisera casar, teimara, agora tinha que agüentar. Casara contra o desejo da família, agora o seguiria até que ele a abandonasse. Aí sua família a ampararia, antes não, pois, agravando sua situação,

---

31 Os casamentos contratados são lavrados em cartório com prazo indeterminado ou determinado, neste caso renovável, esgotado o tempo fixado. A quantia estipulada é variável, podendo, ambos os "sócios", entrarem com uma quantia ou apenas o homem entrar com o capital e a mulher com o trabalho. Nada o distingue de um contrato comercial, embora tanto as partes interessadas como o escrivão e os conhecidos saibam que se trata de um "casamento contratado", aliás louvado por muitas mulheres, graças às garantias formalmente estipuladas. É utilizado não apenas nas cidades, mas também é encontrado nos povoados, no caso de um dos parceiros já ser casado no civil e religioso.

32 Os "banheiros" são os locais utilizados para banho no quintal das casas, podendo ser um simples local convencionado, próximo a uma árvore.

existiam filhos, "a carguinha dele". Se ele a largasse, ela *não seria sendeira,* nome mais feio que existe, e filha sendeira ela não queria, pois isso agravaria toda família, recaindo sobre a mãe e a irmã. Deixasse que ele a abandonasse e, depois, próprio seria, mesmo, encontrar outra união consensual, sem comentário nenhum desfavorável, pelo contrário, até engrandecendo a ela e a sua família.

5) Carmosa, embora afirmasse que não havia mais jeito, que queria abandonar a Antônio, fizera um casamento de escolha, contra a família e como diziam sua mãe e sua tia, ela acabaria por ir pois *"queria muito a ele"*. Embora ela se opusesse à mãe, quando esta dizia "agora não tem jeito", retrucando que "não ir já é jeito", sua decisão final, por motivos outros que os invocados por sua mãe, acabaria de acordo com a linha de ação apontada por esta como a correta.

Conclusão

1. A frente de expansão do Médio Tocantins não atingia de maneira uniforme a região, deixando a zona de postos naturais, conquistada e povoada no século XIX por criadores, à margem e envolvendo somente as terras de mata amazônica, propícias não apenas à agricultura comercial do arroz praticada por migrantes nordestinos nos moldes de coivara, mas também a um tipo diferente de criação, com pastos artificiais, fazendas cercadas e gado zebu de maior rentabilidade, introduzido por fazendeiros do sudeste do país.

No sertão, essa nova onda de povoamento teve, entretanto, repercussões ao nível das representações dos sertanejos, que incorporaram os migrantes como "habitantes de *centros* e *povoados*" e reafirmaram, por contraste, as vantagens do *sertão:* sadio do ponto de vista da natureza — sem as doenças dos centros, sobretudo a malária, e sem alternativas de fertilidade/exaustão — e *sadio* do ponto de vista social — as pessoas se conhecem, sabem as regras do comportamento e são sensíveis a qualquer desvio, ao contrário desses "lugares sem rumo, onde tudo misturado". No *sertão* não há carência de estudo", porque o homem conhece a natureza e os seus semelhantes.

Para aqueles que, de alguma maneira, sentiam desejo de mudança, a existência de outro modo de vida repercutiu ao nível da ação: foram para os novos povoados, transformando-se em lavradores e apresentando como justificativa de seu comportamento des-

viante novas alternativas, que transformam em negativos aqueles caracteres positivos das representações sertanejas: a possibilidade de acumulação de dinheiro como capital produtivo, a existência de comércio e de escola para os filhos.

2. Por outro lado, a apresentação da crise de Carmosa permite--nos apreciar e analisar concretamente, do ponto de vista feminino, a vida em marginalidade com participação em duas ordens sociais distintas, que poderíamos caracterizar da seguinte maneira:

Sertão: pastos naturais	Mata virgem: roças
Criatório	Lavoura comercial de arroz
Fazendas	*Centros* e povoados
Família unidade de produção/ consumo auto-suficiente	Família unidade de produção/ consumo sem auto-suficiência
Famílias oriundas do próprio *sertão* (endogamia sertaneja)	Famílias vindas de diferentes regiões do Maranhão e NE ou formadas localmente com indivíduos de procedência variada
Circulação monetária mínima	Economia monetária
Inexistência de comércio e chefes políticos	Vínculos de patronagem com comerciantes e chefes políticos
Inexistência de escola e sua não--valorização	Rede escolar municipal: aspirações de educação formal e escolaridade

Em um momento de crise, como o apresentado, a lógica dessas duas ordens e as novas alternativas abertas são postas a descoberto.

3. O material apresentado leva-nos a reflexões sobre a necessidade de se considerarem as representações dos próprios atores, quando falamos em isolamento e avaliamos o espaço social. O uso dos conceitos de "comunidade" e "sociedade" é antigo em Sociologia e suscitou largas discussões teóricas. Entretanto, se a comunidade pode ser definida espacialmente pelos agentes sociais, a noção de isolamento pode, também, ser construída a partir do discurso dos pró-

prios agentes e aparece com extrema clareza quando parte de indivíduos que, socializados num sistema social, se vêem inseridos em outro. Para Carmosa, moça criada num povoado, o grupo de vizinhança, fisicamente condensado, implicava em relações contínuas com grande peso no correr das atividades diárias, opondo-se a outros grupos de vizinhança, localizados em outros *centros* e povoados. A vida no *sertão* com outra ordenação do espaço social, em unidades familiares distantes no mínimo meia légua (3 Km), impossibilitava contatos contínuos no correr do dia, exceto aqueles que envolviam os membros da própria família (abrangendo como regra pais, filhos solteiros, eventualmente alguns filhos do irmão do pai), e levou Carmosa a sentir-se carente e isolada, desde que socializada num contexto em que as relações sociais abrangiam maior número de pessoas, com contatos mais freqüentes e com uma carga emocional mais dispersa. A percepção comparativa da carência foi vivenciada, entretanto, apenas no momento em que seu relacionamento com Antônio chegou a uma crise, para cuja resolução várias alternativas de ação são postas a descoberto na discussão apresentada e analisada. Para Carmosa a resolução da crise implicava numa confirmação de sua opção primeira, realizada por ocasião em que deixara a família para ingressar em outro contexto, opção em termos individuais, coerente com a grande carga emocional depositada sobre o marido; ruptura é abandono do contexto sertanejo, admitindo reingresso na vida de povoado e retorno à sua família, mas segundo um processo que trazia em si uma redefinição em termos individuais das responsabilidades de esposa e mãe. Para as mulheres de sua família a alternativa aberta era o retorno à vida de povoado, onde contaria com todo apoio dos pais, desde que aceitasse assumir a identidade de filha e esposa segundo o sistema vigente entre os lavradores do povoado, no qual se reintegraria. Restava uma alternativa não abertamente admitida na discussão: Antônio alterar seu comportamento, os atritos desaparecerem e, aliviadas as tensões, a crise, ao menos temporariamente, cessar.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial* (1500-1800), 5.ª edição. Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguet. 1969.

————. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, 2.ª edição. Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguet, 1960.

ANÔNIMO. Roteiro do Maranhão e Goiaz pela Capitania do Piauhi. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geographico Brazileiro*, tomo LXII, parte I, 1900. p. 60-61.

BARTH, Frederik. (Ed.), *Ethnic groups and boundaries*. London, George Allen & Unwin, (1970).

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A Noção de "Colonialismo Interno" na Etnologia. *Tempo Brasileiro*, ano IV:*8*, 1966.

————. Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica: sugestões para uma metologia. *Revista do Instituto de Ciências Sociais*, 4: *1*, 1967.

————. Identidad etnica. identificación y manipulação, *América Indígena*, v. XXXI:*4*, octubre 1971, p 923-953

————. *Identidad, etnica e estrutura social*. Livraria Pioneira Editora 1976).

CARVALHO, Carlota de. *O Sertão*. Rio de Janeiro, Empresa Editora de Obras Scientíficas e Literárias, 1924.

CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1969.

CASANOVA, Pablo Gonzales. *Sociologia de la explotación*. México, Siglo Veinteuno, Editores S.A. (1969).

CHAYANOV, A. V. *The theory of peasant economy*. Homewood. Illinois, American Economic Association, 1966 (D. Thorner, B. Kerblay, R. F. Smith, eds.)

DALTON, George. (Ed.). *Tribal and Peasant Economies*. Garden City, New York, The Natural History Press, 1967.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, v. XV, Rio de Janeiro, 1959. p. 230-231.

FOSTER. George. Interpersonal relations in peasant society. *Homem Organization*, v. 19:*4*, winter, 1960-61. p. 174-184.

FRANKENBERG, Ronald. British Community Studies: Problems of Synthesis. *The Social Anthropology of Complex Societies*, Tavistock Publications A.S.A. Monographs n.º *4*. p. 123-155 (Banton. M. ed.).

GAIOSO. Raimundo José de Souza. *Compêndio histórico-politico dos princípios da lavoura do Maranhão*. Coleção São Luiz I, SUDEMA, Maranhão, 1970.

GOODENOUGH, Ward. *Rethinking* "Status" and "Role": Toward a General Model Of The Cultural Organization of Social Relationships. *The relevance of models for social Anthropology*, Tavistock Publications, A.S.A. Monographs, n.º *1*. p. 1-24. (Banton, M. ed.).

I.B.G.E. Censo Demográfico: Maranhão — VIII Recenseamento Geral, 1970, v. I, tomo V.

————. VIII Recenseamento Geral do Brasil, 1970.

————. Sinopse Preliminar do Centro Demográfico, VIII Recenseamento Geral, 1970, Maranhão.

JACKSON, J. A., (ed.). *Migration*. Cambridge, The University Press, 1969.

KACTSKY, Karl. *A questão agrária*. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Laemmert S.A., 1968.

LENINE, V. *Le développement du capitalisme en Russie*. Paris, Editions Sociales.

MARX, Karl. *Le Capital*. Paris, Editions Sociales, (1950) (Livre deuxième, tome second; livre premier, tome troisième).

MEIRELES, Mario N. *História do Maranhão*. D.A.S.P., Serviço de Documentação, 1960.

MONBEIG. Pierre. *Pionniers et planteurs*. Paris, Livrarie Armand Colin.

MOREIRA NETTO, Carlos. A cultura pastoril do pau d'arco, *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*. Série Antropologia:*10*, março 1960.

MORAES BARROS. Edelvira Marques de. *Eu, Imperatriz*, Imperatriz, Maranhão, 1972.

PACHECO, D. Felipe Conduru. *História eclesiástica do Maranhão*. S.E.N.E.C., Departamento de Cultura, Maranhão, 1969.

PARK, Robert. Human migration and the marginal man. *The American Journal of Sociology*, v. XXXIII, may 1928, p. 88-93.

PRADO, JR., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1969.

PRADO JR.; ECHEVERRIA et alii. *A agricultura subdesenvolvida*. Coleção Caminhos Brasileiros, 2, Petrópolis, Vozes, 1969.

OLIVEIROS, Jerônimo de. *História do comércio do Maranhão* 1612-1895. Publicação Comemorativa da passagem do I Centenário da Fundação da Comissão da Praça, São Luiz, 1954, 3 v.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Coronelismo numa Interpretação Sociológica. In: *História geral da civilização brasileira*, Tomo III: O Brasil Republicano, v. I. São Paulo, Difel. 1975, p. 153-192.

RIBEIRO, Francisco de Paula. Roteiro da viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras da Capitania do Maranhão e da de Goyaz no anno de 1815 a serviço de S. M. Fidelíssima. *Revista Trimestral de História e Geografia*, tomo X, 2.ª ed., Rio de Janeiro. 1848, p. 5-80.

RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste*. Rio de Janeiro, Editora da Universidade de São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1970, 2 v.

SHANIN, Theodor. (Ed.). *Peasants and peasant societies*. Penguin Books, 1971.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Alguns Aspectos da evolução econômica do Maranhão no século XX. *Boletim Geográfico*, ano XV:*139*, julho-agosto de 1957, p. 444-458.

STAVENHAGEN, Rodolfo. *Essai comparatif sur les classes sociales rurales et la stratification dans quelques pays sous-developpés*, these de 3ème cycle, Université de Paris, 1954.

SUDEMA — Departamento Estadual de Estatística, Pesquisa Agrícola Piloto, 1967-68: Pesquisa do Setor Primário, ano 1967-68.

————. Pesquisa sobre orçamentos familiares (POF) em 12 municípios do Interior do Estado do Maranhão.

————. Departamento Estadual de Estatística — Anuário Estatístico do Maranhão, 1968.

TAYLOR, G. R. (Ed.). *The turner thesis concerning the role of the frontier in American history*, third edition. London. D. C. Heath and Company, 1972.

TURNER, Victor. *Schism and continuity in an african society*. Manchester University Press, 1964.

————. *Dramas, fields and metaphors: symbolic action in human society*, Ithaca, Cornell University Press, 1974.

VALVERDE, Orlando. Geografia Econômica e Social do Babaçu no Meio Norte. *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIX:*4*, p. 281-314.

————. *A Rodovia Belém-Brasília*. Rio de Janeiro, I.B.G.E., 1967.

VELHO. Otávio Guilherme. *Frentes de expansão e estrutura agrária*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1972.

WARD, Bárbara. Cash or Credit Crops? An Examination of some Implications of Peasant Commercial Production with Special Reference to the Multiplicity of Tradders and Middlemen. *Peasant Society — A Reader*. Little Brown and Co. (Potter, Diaz and Foster, eds.).

WAIBEL, Leo H. As zonas pioneiras do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, ano XVII:*4*, out.-dez. de 1955, p. 389-417.

WOLF, Eric. *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.

WYMAN, Walter, & KROEBER, Clifton B. (Eds.). *The frontier in perspective*. The University of Wisconsin Press, 1965.

DOCUMENTOS

Coletoria Estadual de Imperatriz — Relação dos estabelecimentos industriais da cidade de Imperatriz.

Coletoria Estadual de Montes Altos — Documentos relativos aos anos de 1968, 1969 e 1970.

Delegacia de Terras — Imperatriz — Processos encaminhados e títulos expedidos pelo Departamento de Terras do Maranhão, até julho de 1970.

Delegacia de Terras de Imperatriz — Relação dos processos das terras marginais a MA-74; Açailândia-Santa Luzia, ano de 1970.

Diário Oficial, Estado do Maranhão, ano LXII, n.º 140: Lei n.º 2.979 de 17-7-69.

Fundação I.B.G.E. - I.B.E. — Município de Imperatriz, João Lisboa e Montes Altos; dados relativos aos anos de 1969 e 1970.

Mesa de Rendas de Imperatriz — Renda Tributária, exercício de 1968, 1969 e 1970.

Município de Montes Altos — Prefeitura Municipal — Livro de Termo de Posse.

Município de Montes Altos — Cartório Único.
S.E.M. — Setor Maranhão, Distrito IV — Imperatriz: dados relativos aos municípios de Imperatriz, João Lisboa e Montes Altos — anos de 1968, 1969 e 1970.
S.E.M. — Setor Maranhão, Distrito IV — Imperatriz: plantas de povoados.
"O PROGRESSO" — Jornal da Cidade de Imperatriz. anos I, II e III 1970, 1971 e 1972)
RODOBRÁS — II Distrito Rodoviário — Imperatriz: documentos relativos ao Distrito Rodoviário.